

BRASILEIRA: SEU NOME É BRASÍLIA

FREI BETTO

ESPECIAL PARA O CORREIO

Conheci Brasília em 1962, no Congresso da Ubes (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), quando ainda era chamada de Novacap e se resumia a um canteiro de obras. Fiquei hospedado num hotel que mais parecia cenário de faroeste.

Em anos seguintes, vim a Brasília espaçadamente. Nunca por mais de três dias e, quase sempre, para participar de algum evento. A cidade me parecia muito estranha com suas construções monumentais, avenidas largas, prédios de costas para as ruas. Intrigava-me a falta de esquinas onde parar e bater um papo com os amigos, a dificuldade de movimentar-se como pedestre, sobretudo na hora de cruzar as principais vias públicas.

Parecia-me espantosa a concepção de uma cidade cujo desenho urbanístico demarca a divisão de classes sociais: setor bancário, área de mansões, apartamentos funcionais do governo federal etc., como se o endereço da família identificasse sua condição social e posição na hierarquia do poder.

Aos amigos de Brasília, que se esforçavam para derrubar meu preconceito, eu dizia: "Se Brasília fosse boa, Niemeyer moraria aqui". Assustavam-me as notícias de que o clima seco obriga as crianças a dormirem com toalhas molhadas no quarto; a porta do melhor hospital era a do aeroporto; a revoada para fora da cidade, nos fins de semana, dos mais abastados. Brasília me parecia uma gigantesca ma-

quete colocada sobre o vazio de um deserto.

A vitória de Lula trouxe-me para Brasília, nomeado seu Assessor Especial, destacado para a mobilização social do Programa Fome Zero. Vim de mala e cuia, instalei-me num hotel confortável porém sem luxo, trouxe meu carro sedã. Passados três meses, a proximidade faz-me enamorar da capital federal. Para quem deixou, depois de décadas, a Paulicéia desvairada, viver aqui e livrar-se da pressão compulsiva do tempo e da maratona cotidiana de cobrir longas distâncias a passo de tartaruga, asfixiado por engarrafamentos e muita poluição, é um bálsamo.

Aos poucos descubro a cidade e seguro o voleante confuso frente ao inusitado sistema de endereçamento. Ainda me custa combinar letras e números, ver-me desprovido de nomes de ruas, perdido entre quadras e conjuntos. Começo a gostar deste espaço dilatado e a me embevecer com a magia luminosa do céu. No entanto, sinto falta do aconchego das ruas apertadas, das casas velhas com jardins fronteiriços, dos bares de esquina onde se toma cafezinho em pé.

Meu ritmo de trabalho tão intenso ainda não combina com o da cidade, bem mais acanhado. Estou por descobrir seus segredos e caprichos. E conhecer a linha divisória entre os habitantes da Brasília trivial e os hóspedes do poder que, como eu, moram mais como assentados urbanos.

Talvez eu nunca venha a criar raízes nesta cidade, ao contrário do que me ocorreu em Belo Horizonte, Rio, São Paulo e Vitória. Confesso, porém, que começo a me encantar. Encruzilhada entre energias espirituais difusas e vaidades infladas que parecem não caber em tanto espaço, esta cidade é uma mulher bem brasileira: filha de mineiro com carioca, casada com nordestino, e funcionária pública, Brasília é uma enorme cidade do interior, onde quase tudo se sabe de quase todos.

FREI BETTO É ESCRITOR, AUTOR DE A OBRA DO ARTISTA, UMA VISÃO HOLÍSTICA DO UNIVERSO (ÁTICA), ENTRE OUTRAS OBRAS.